

Álison Cardoso de Oliveira



**Análise do Ensino de Arte em Escola Pública de Governador
Valadares.**

**Monografia apresentada ao
Curso de Especialização em
Ensino de Artes Visuais do
Programa de Pós Graduação em
Artes da Escola de Belas Artes
da Universidade Federal de
Minas Gerais como requisito
parcial para obtenção do título
de Especialista em Ensino de
Artes Visuais.**

Orientadora: Melissa Rocha

**Governador Valadares
2011**

Álison Cardoso de Oliveira

**Análise do Ensino de Arte em Escola Pública de Governador
Valadares.**

**Monografia apresentada ao
Curso de Especialização em
Ensino de Artes Visuais do
Programa de Pós Graduação em
Artes da Escola de Belas Artes
da Universidade Federal de
Minas Gerais como requisito
parcial para obtenção do título
de Especialista em Ensino de
Artes Visuais.**

Orientadora: Melissa Etelvina Rocha

Membro da banca: Fabrício Andrade Pereira

Membro da banca

Governador Valadares

2011

Dedicatória

Aos alunos que permitiram que um corpo estranho assistisse com eles um momento tão particular que é o ambiente em sala de aula. À minha irmã Katisuzi, nos momentos mais difíceis de gestão deste trabalho ela segurou minhas mãos.

Agradecimentos

Aos meus pais, mesmo distantes não me deixam só.

Aos professores e direção da Escola Estadual João Wesley.

Aos amigos, irmãos de caminhada que na dor da debilidade física me sustentam com seus carinho.

Por fim, às orientadoras Cláudia Regina dos Anjos e Melissa Rocha, que confiaram na possibilidade deste trabalho

Se as Letras Bastassem

Se as letras bastassem, não veríamos as principais nações alfabetizadas patrocinando o ódio e a destruição através das guerras.

Se as letras bastassem, não teríamos as religiões detidas no culto externo e nem a ciência muitas vezes em corrida desenfreada para descobrir novas armas, entregue a inteligências sem senso moral.

Se as letras bastassem, os índices de suicídio, cada vez mais alarmantes, identificando grave desequilíbrio moral do indivíduo, não estariam alastrando-se entre as classes sociais privilegiadas pela cultura.

Se as letras bastassem, não estaríamos, na atualidade, frente à crescente indústria do aborto nos lares que a instrução e o conforto se fazem presentes, e ainda com a concordância de muitas autoridades.

Se as letras bastassem...

Na verdade, não basta ensinar apenas dando o aprendizado do fazer.

Que importa saber fazer se esse saber é egoísta e não promove o bem para todos?

As nações podem se enriquecer, entretanto, se o povo ignora como utilizar melhor essa riqueza para se engrandecer na legítima fraternidade que deve reger a vida, o orgulho de que tanto se vangloria levará esse mesmo povo ao desequilíbrio social, à miséria e ao desrespeito dos direitos dos outros, gerando desespero.

Podemos desfilarmos na vida ostentando diplomas e títulos, nas mais variadas profissões, mas, nenhum currículo pode representar o caráter individual, e se esse caráter é corrompido, sem base em valores morais profundos e elevados, encontraremos com o tempo a própria ruína, e as vantagens particulares adquiridas se perderão.

A escola que ilustra o conhecimento, estimula o raciocínio, é importante, entretanto, se faz incompleta por não fornecer a orientação moral e a sensibilização dos sentimentos.

Não basta conhecer. É preciso compreender.

Se as letras bastassem, os alfabetizados do mundo há muito tempo teriam implantado na Terra todos os valores de felicidade que tanto desejamos e procuramos.

Se as letras bastassem, não teríamos tantos problemas sociais e morais na família, na sociedade e nas salas de aula da escola.

Marcus De Mario

Diretor e Educador do IBEM

Resumo

Este trabalho tem como eixo norteador a observação em sala de aula de uma escola da rede pública estadual, na cidade de Governador Valadares (MG) entre maio e agosto de 2011. Assim, durante esse período ocorreu respectivamente um trabalho de fichamento com as observações das aulas, o conteúdo aplicado pela professora em sala, seu modo de agir e principalmente, o material utilizado em sala, uma apostila que é um verdadeiro suporte para as aulas. O objetivo é investigar a situação do ensino de artes nesta escola. Simultaneamente as observações em sala, fizemos a leitura da literatura que retrata o assunto, possibilitando a fundamentação daquilo que propomos.

Palavra-Chave: Material didático, Abordagem Triangular, Metodologia, Arte-Educação

Summary

This work is guided by the observation in the classroom of a state school in the city of Governador Valadares (MG), between May and August 2011. Thus, during this period happened respectively a book report with the in-class observations, the content used by the teacher in class, their modes of action and especially, the material used in the classroom, a book that is a real support for the classes. The aim is to investigate the situation of education art in this school. Simultaneously to the observations in the classroom, we read the literature that portrays the subject, enabling the foundation of what we propose.

Keywords: Educational material, Triangular Approach, Methodology, Education Art.

Sumário

Introdução.....	09
Capítulo 1 - História do Ensino de Artes e Suas Metodologia.....	11
Capítulo 2 - Observações do Trabalho em Sala de Aula	
2.1 Conhecendo os sujeitos pesquisados.....	19
2.2 Conhecendo e reconhecendo o campo.....	21
Capítulo 3 – Material em Artes; Reflexões Sobre Importância e Uso.....	27
3.1 O Material.....	29
Conclusão.....	34
Referências Bibliográficas.....	36

Introdução

Atualmente o sistema educativo brasileiro é dividido por áreas de conhecimento. Cada área tem sua especificidade e ao acompanhar a dinamicidade da sociedade sofre mudanças estruturais, com o Ensino de Artes, que está inserido nesse processo, não é diferente. O passado, e um estudo mais aprofundado dos fatos, podem nos responder muito. Na verdade, Lucia Gouvêa Pimentel (2009), reflete que não podemos desvencilhar aquilo que está no passado, pois, os seus reflexos podem estar nossos dias. Desta forma, mesmo diante de algumas mudanças, o ensino de arte ainda carrega em nossos dias o passado mal planejado.

As observações que propomos em uma escola da rede pública estadual, na cidade de Governador Valadares nos orientam no sentido de compreender em que nível se encontra o ensino de artes neste contexto. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN/Arte), Conteúdo Básico Comum, as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, entre outros meios institucionais, muitas vezes apontam um caminho, mas que, nem sempre é seguido na prática. Isso se deve a inúmeros fatores, sendo o pior deles a vagariedade do sistema público.

Observa-se que, um duelo é travado entre aqueles que propõem (Governo, MEC, Secretarias estaduais e municipais de educação, Superintendências Regionais de Ensino, etc.) a mudança e aqueles que podem realmente implantar a transformação (corpo escolar pedagogos, diretores, supervisores, e o ator principal; o professor). Sendo que, o professor deve ser respeitado e merece um maior incentivo.

Mas a escola sozinha é incapaz de educar para a vida. Em se tratando de arte-educação, observa-se que a realidade fora do contexto escolar, deve colaborar para bons resultados dentro dos muros do colégio. Se o indivíduo vive uma situação em que não se oferecem meios ou suportes mínimos para o contato com as artes, como ele se comportará na escola? Porém, não podemos desmerecer o esforço do corpo escolar, que na maioria das vezes ultrapassa aquilo que lhe foi confiado. Existe um empenho da equipe escolar, porém, os problemas existentes impedem um resultado positivo.

A observação das aulas aplicadas pela professora, que iremos analisar neste trabalho, pode nos apontar problemas e prováveis soluções para as mazelas do Ensino de Artes, não somente nesta escola, mas, como também em outras. O resultado final é o conhecimento. Um medidor que nos orienta para a compreensão do perfil de nossos professores, bem como dos alunos, que muitas vezes, são vistos como meros receptores de conteúdos. Assim, é dever de todos zelar por uma Arte-Educação que instigue, que anime, que siga positivamente, sem esquecer de seu passado, independente de como o foi. Porque muitas vezes está no passado a resposta para a situação do presente e prováveis caminhos para o futuro.

Capítulo1

História do Ensino de Artes e suas metodologias

De acordo com Ana Mae Barbosa, uma das maiores teóricas da Arte/educação,

“A anemia teórica domina a arte-educação, que está fracassando na sua missão de favorecer o conhecimento nas e sobre artes visuais, organizando de forma a relacionar produção artística com apreciação estética e informação histórica.” (BARBOSA,1998,p.31).

Nas últimas décadas e com **acentuada** presença dos cursos de pós graduação, ocorreram mudanças colaborando para modificações na visão da arte educação.

Para Lucia Gouvêa Pimentel “Somos fruto do que vivemos no presente, mas também de toda herança do passado.” (PIMENTEL, 2009, p.19). Assim sendo, o histórico do Ensino de Arte no Brasil atualmente carrega consigo ranço de projetos governamentais mal planejados e executados. Isso se deve à implantação de projetos de forma vertical, sem uma observação do contexto histórico e cultural da sociedade. Verifica-se que no decorrer da história do Ensino de Arte em nosso país, foi feito um processo onde muitas vezes, seguiam modelos de outros países, especialmente, europeus e norte americanos.

No decorrer da história do Brasil, o ensino de um modo em geral, passou por várias mudanças Com a arte não foi diferente. De acordo com Ana Mae Barbosa (1998), de todas as faculdades humanas no Brasil, a arte foi a primeira a ser estudada, com a vinda da família Real e a missão francesa no início do século XIX. Mas antes no Brasil já se ensinava arte, não nos modelos que temos atualmente. (BARBOSA, 1998).

Ana Mae Barbosa (1998) revela que o processo pelo qual a o ensino da arte no Brasil se configurou é reflexo de um passado que pouco valorizava as

artes, em especial, o trabalho manual. Sendo colonizado por Portugal, um país europeu que pouco valor se dava as artes. (BARBOSA, 1998).

Os jesuítas dominaram o ensino no Brasil colônia até 1759. Esses trataram de separar o trabalho intelectual do trabalho manual, valorizando o primeiro e desprezando o trabalho braçal, que no decorrer da história do Brasil, foi visto como inferior, ou como apenas ‘serviço de preto’. Alguns historiadores afirmam que até o século XX, o trabalho manual foi exclusividade dos negros africanos. Em pleno século XXI, percebe -se que o trabalho manual não tem valorização por parcela da população. Isso se deve a uma preconceituosa crença herdada que apresenta o trabalho intelectual, pensante, como superior aquele que necessita da força. Somente com a chegada dos imigrantes japoneses, chineses, italianos e outros povos esta visão foi mudada. (HOLANDA, 1994, p.108).

Após a expulsão dos jesuítas por Marquês de Pombal¹, ocorre uma mudança no sistema de ensino. É difícil medir com precisão o impacto da saída destes religiosos. É certo que ocorreu neste período um “vazio” no ensino, especialmente porque, foram os jesuítas os responsáveis pela catequese e educação dos índios, sem a presença dos religiosos, esses autóctones ficaram sem direção. Porém, não foram somente os nativos os únicos que sofreram sem presença dos jesuítas. (PRADO Jr, 1994, p.94).

A pequena elite da América Portuguesa deveria se contentar com o ensinamento de padres de outras ordens religiosas e de mestres, que, por ordem do governo, obrigatoriamente ensinavam as disciplinas de latim, grego, filosofia e retórica em aulas avulsas. Basta lembrar que até então era proibido impressão de livros e universidades no Brasil Colônia. Observa-se que para a arte e seu ensino sobrava pouco espaço, e o que lhe restava estava reservado a um segundo plano. (HOLANDA, 1995, p.96)

Com a saída do Marquês de Pombal, a dinastia dos Bragança na figura da matriarca dona Maria I, desfaz grande parte das conquistas do antecessor, mas pouco se fez pela educação na colônia. Surge neste período um grande

¹ Alvará Régio de 28 de Junho de 1759.

artista na região mineradora, Antônio Francisco Lisboa, mais conhecido por Aleijadinho. Sua arte se baseia no estilo Barroco e Rococó. (MARTINS, 1939, p. 27).

Ocorre assim, uma maior visibilidade para a arte produzida para a Igreja Católica. Porém no ensino de arte não ocorre nenhuma transformação, pelo contrário, a saída dos jesuítas deixa um vácuo no ensino que só será preenchido com a vinda da família Real para o Brasil trazendo consigo missões de pintores naturalistas entre outros. (BARBOSA, 1998, p.31).

No início do século XIX, devido às turbulências com Napoleão Bonaparte, a família Real portuguesa desembarca em 1808 em suas possessões na América. Ao chegar nestas terras, o rei abre os portos e declara o Brasil Reino Unido a Portugal. Se na área econômica o Brasil sofre bruscas transformações, no ensino, Dom João VI também inova ao criar a Academia Imperial de Belas-Artes, com conteúdos frisados na formação de artistas.(BARBOSA, 1998)

“A chegada de Dom João VI ao Brasil e, em seguida, a Missão Francesa, trouxeram marcas profundas nas referências estéticas do país, com a substituição do Barroco brasileiro pelo Neoclassicismo.” (GOUTHIER, 2009, p. 34). Os pintores e professores especialmente da França, trouxeram consigo uma nova visão de arte, voltada para o ensino de ofícios mecânicos bem como artísticos. Até então no Brasil, o ofício mecânico se baseava no ensinamento de um mestre, que também aprendeu na prática com seu pai ou avô, para o menor que se interessava por artífices mecânicos, ou que tinha aptidões para as artes.

A partir da segunda metade do século XIX, uma nova concepção de arte no Brasil possibilita uma visão inovadora dessa área. Como citado, a presença do imigrante branco, muda a visão de parcela da população sobre o trabalho manual. A valorização e a ênfase dada pelos artistas da Academia Imperial de Belas-Artes ao trabalho manual, colaboram também para essa mudança. Em 1888 a Princesa Isabel abole a escravidão, inicia-se desta forma um “processo de respeitabilidade do trabalho manual” (BARBOSA, 2002, p. 30). O ensino de arte começa a ter seus próprios contornos, aos poucos uma forma de arte

estritamente nacional se sobrepunha, ainda que timidamente. Nos poucos colégios presentes no país a arte vai ocupando seu espaço, mesmo que de forma deturpada, mas é um começo.

Ainda no século XIX, o filósofo August Comte inova com o positivismo. Assim, este tipo de metodologia também é aceita entre a elite brasileira e “passa a ser a concepção de construção do saber científico segundo o qual essa sociedade se desenvolve”(PIMENTEL, 2009, p.14). No Brasil, também o ensino de arte se baseia no positivismo. Por aqui os republicanos tomam o poder e insere no seio da sociedade o pensamento comteano.

Sob a égide do positivismo, o pensamento desenvolvimentista tomava o imaginário da classe dominante, segundo a qual seria necessário ordem para alcançar o progresso. O ensino de um modo em geral tem a marca do positivista e o ensino de arte no Brasil República sofre variações se comparada com o período imperial. Ordem se aprende nos colégios e o ensino de arte tem papel fundamental para alicerçar a ordem. O ensino do desenho é um meio para isso.

A partir de 1889 várias mudanças ocorrem no ensino de arte. “Os princípios liberais disseminados a partir do ensino superior chegam à escola secundária e primária, não sem as contaminações do pensamento positivista, que continua forte no país.” (GOUTHIER, 2009, p. 34). Interessados em inserir o Brasil na concorrência econômica internacional, o governo reorganiza o ensino primário e secundário que até então se resumia ao desenho. Assim, “nos primeiros anos do século XX prevalece um grande estímulo ao ensino do desenho, visto como meio para a formação técnica.” (GOUTHIER, 2009, p. 34).

Inserir o Brasil no capitalismo era o desafio dos governantes republicanos, o ensino de arte era um meio para esse fim. Na chamada República Velha a figura de Rui Barbosa se destaca como um grande incentivador das artes. Neste momento, a Academia Imperial de Belas-Artes ganha nova nomenclatura. Retira-se o Imperial e se torna Academia de Belas-Artes e mais tarde Escola Nacional de Belas-Artes. Ocorre alguns avanços, porém a técnica de ensino de desenho permanece. (BARBOSA, 1998, p. 30)

Até 1930, quando Getúlio Vargas assume o poder, o ensino de artes passa por transformações significativas. A Semana de Arte Moderna de São Paulo foi o divisor para a concepção e popularização da Arte. A valorização da identidade nacional encabeçada por Anita Mafatti, Tarsila do Amaral, Di Cavalcante, Mário de Andrade refletem no cotidiano escolar.

Pela primeira vez, intelectuais se reúnem para estudar a arte da criança e Mário de Andrade é uma das principais figuras desse período, buscando entender o universo infantil e o processo de construção gráfica da criança.(COUTINHO, 2008, p. 158). É importante salientar que até então pouca atenção se dava a criança no Brasil, tanto no que diz respeito às políticas públicas, quanto à visão da sociedade pela valorização da infância, que era muitas vezes vista como projeto de adulto. (PRIORI, 1999).

A Era Vargas pouco avança no ensino de Arte, pouco se inova na questão da arte-educação, ocorrendo a predominância do ensino do desenho nos moldes do período de Rui Barbosa, ainda no fim do século XIX. Porém, diferencia-se no decorrer da década de 1930 com a presença da Escola Nova. Essa metodologia baseia na individualidade de cada estudante, deixando muitas vezes de lado os conteúdos tradicionais acreditando na espontaneidade dos mesmos. (GOUTHIER, 2009)

Os desenhos e o ensino de arte passam por um novo método; aquele que deixa o aluno mais solto em suas produções. Surgem nas grandes cidades as escolinhas de Arte, com dedicação ao ensino da Arte como livre expressão; A Livre Expressão se difere da Escola Nova. Deixa-se a rigidez dos conteúdos tradicionais, abrindo espaços para que o imaginário se liberte. Aqui as linhas geométricas ou desenhos milimetricamente pontuados não é o essencial, mas a liberdade de expressão do pensamento, gesto, extravasando os sentimentos.(GOUTHIER, 2009).

O período de JK (ou Juscelino Kubitschek, presidente do Brasil entre 1955 a 1960), a promessa desenvolvimentista de cinquenta anos em cinco tem reflexo nos currículos escolares. Amparado por técnicos e analistas de currículos escolares dos Estados Unidos, o ensino no país deixa seu fundo ideológico, para se tornar um conjunto de técnicas científicas.

“Toda a articulação acontecia num contexto mundial também em transformação, com a Revolução Cubana, a convocação e o desenrolar do Concílio do Vaticano II da Igreja Católica, o movimento de independência de países africanos(…)” (GOUTHIER, 2009, p.40).

e países asiáticos bem como o busca dos direitos civis dos negros na presença do pastor Martin Luther King.

É importante salientar que no âmbito mundial, ao qual o ensino de arte não estava desmembrado, ocorria a chamada Guerra Fria, ou seja, o poder político do mundo estava concentrado em duas potências econômicas antagônicas: Os Estados Unidos (EUA) e a União Soviética (URSS). Cada país necessitava conquistar a opinião pública de seus aliados. O mundo estava em transformação, na arte-educação e na cultura não era diferente. (GOUTHIER, 2009).

No decorrer da década de 1960, o país passa por dois regimes de governo que refletem nas diretrizes para a educação e o ensino de arte se torna peça fundamental para o governo. “No Brasil, além da vanguarda artística com o Concretismo e o Neo-concretismo, o movimento político e social se intensifica com o surgimento das ligas camponesas” (GOUTHIER, 2009, p.40). Objetivando acabar com as diferenças entre formas e conteúdos impostos pelas regras da arte e pelas leis elitistas.

No contexto da Arte-Educação, surgem vários grupos culturais e movimentos populares voltados para a criação e desenvolvimento artístico e humano. São os reflexos do concretismo. Discute-se também a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) pela primeira vez. Até 1964, o Brasil experimenta uma maior participação popular nos temas voltados para o social. Porém, em abril de 1964 toda essa efervescência é tosada pelo regime militar. Instaurada a Ditadura, o país experimenta uma das mais cruéis formas de governo.

No ensino de Arte institui a Educação Artística obrigatória para o Ensino Fundamental. Ocorre ainda, uma volta ao tecnicismo, dessa forma, o ensino da Arte objetiva a profissionalização. “A LDB n. 5692/71 é tecnicista e incita à

profissionalização. Semelhante à divisão do trabalho na sociedade mais ampla, o trabalho pedagógico fragmentou-se para tornar o sistema educacional efetivo e produtivo” (GOUTHIER, 2009, p.40). Era necessário dividir para governar. Os militares deixaram o poder há quase trinta anos, porém, ainda hoje podemos observar que o tecnicismo está presente na prática educacional. Alguns docentes, atualmente utilizam a Arte em sala de aula valorizando mais a técnica que o conteúdo.

O currículo para o governo militar, visa ser “um dos elementos essenciais para a socialização, mas não para a emancipação” (GOUTHIER, 2009, p.40) e o governo por meio do ensino procurava homogeneizar a população, assim ficaria mais fácil dominar. O tecnicismo vinha de encontro com o que o governo reservava para a sociedade, ou seja, obediência. No ensino de arte, monitorava o aluno para que este produza de acordo com o que esta sendo ensinado, ou melhor, que ele reproduza. Assim, ao ensino da Arte tecnicista ficou reservado a idéia de que sua aprendizagem não é algo natural mas depende de uma serie de técnicas. Ao aluno cabe reagir aos estímulos aplicados pelo professor em sala.

Em 1973, para suprir a procura, surgem os cursos de Licenciatura com Curta duração de dois anos, ou, Plena com duração de quatro anos em Educação Artística. Enquanto isso, grande parte das escolas resumem o ensino de artes em atividades lúdicas, relaxamento e atividades de lazer. O governo militar fez alguns reparo no ensino de Arte por demais ousados, nisso não se pode negar, porém essa “reforma na educação foi implantada no país desconsiderando o ensino de Arte nas escolas” (SANTANA, 2009, p.24).Um ensino chulo que não estimula a criatividade e pouco a capacidade artística dos alunos.

Surge a Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB), mas foi a abordagem Triangular, sistematizada por Ana Mae Barbosa, que consiste no Ensino de Arte e construção do conhecimento em por três estágios; fruição, experimentação e contextualização, que inovou o ensino-aprendizado em Arte. A LDBEN 9394/96 reconhece a Arte como uma área do conhecimento e não somente uma recreação.

Mesmo diante de algumas mudanças, o ensino de arte deve se policiar para não entrar em um problema crônico, tal qual passa diversas áreas do conhecimento: a inalterabilidade. Desta forma, rupturas e permanências devem ser dosadas pois “o ensino de arte no século XXI se inicia com a multiplicidade de possibilidades, mas ainda corre o risco da mesmice.”(PIMENTEL, 2009, p.09). Esse assunto será explorado no próximo capítulo.

Capítulo 2 – Observações do Trabalho em Sala de Aula.

No ensino de Arte “há sempre uma metodologia flexível e individual a ser construída”. (PIMENTEL, 2009, p. 19). Entretanto, isso não quer dizer que qualquer forma de ensino é aceitável ou recomendada. É no contexto, a partir de um conjunto de fatores, ao qual o profissional da Arte/Educação está inserido, que permitirá a construção de um trabalho em arte mais dinâmico e metodologicamente mais significativo e abrangente. O meio, o envolvimento dos sujeitos e a disponibilidade de materiais, são exemplos disso. Mas, existem outras situações que podem tornar o ensino de arte mais interessante para os alunos. (PIMENTEL, 2009).

Neste capítulo discutiremos os dados do campo, especificamente, da prática de um docente e, assim buscar compreender a atual situação do Ensino de Arte em uma escola estadual no município de Governador Valadares. No decorrer do mês de maio de 2011, foi analisada a prática didático - pedagógica da professora Dália de Souza (Nome fictício). A escola que essa professora trabalha há mais de uma década é a Escola Estadual João Wesley, situada no Bairro Nova Vila Bretas, periferia da cidade de Governador Valadares.

2.1 Conhecendo os sujeitos pesquisados

A professora Dália de Souza é formada em Normal Superior em 1979. A professora, que se considera em fim de carreira, não é nascida na cidade. Ainda no decorrer dos anos 80 migrou da região nordeste com o esposo e filhos. Em 1984 deixou de lecionar para cuidar da casa e dos filhos pequenos. Só retornou a sala de aula dez anos depois, em 1984. Sempre morou em um bairro nobre valadarense (Ilha dos Araújo) e no decorrer de sua carreira trabalhou com educação infantil.

Dália aceitou ser pesquisada, mas, deixou clara a sua posição de não permitir fotos, gravações. Disse ainda que está aberta as críticas, que por

ventura parecessem, mas aconselha, que as críticas devem ser construtivas. E, ainda, devem vir com soluções, objetivando resolver os problemas. Não devem ser feitas somente com o intuito de desestimular o trabalho que está em andamento.

Para esta professora, a situação pela qual passa o professor em sala, é tão complexa e desanimadora, que os poucos professores que sobrevivem a essa profissão devem ser considerados verdadeiros heróis. O início de sua carreira como docente foi nos anos de 1970.

Por ter uma formação que contempla com carga horária aulas de Arte, o governo de Minas Gerais através do Certificado de Avaliação de Títulos (CAT) autoriza pessoas com ensino superior, técnico ou formação média a lecionar. Vale ressaltar, que esse tipo de autorização é válida se no ato de designação não estiver nenhum habilitado em Arte. Nesse caso, a professora que acompanhamos não é formada em Arte e não possui ainda nenhuma especialização na área. Observa-se com isso que a carência de profissionais formados e atuantes na própria área de formação, leva a uma situação onde o professor muitas vezes não tem um conhecimento teórico metodológico aprofundado acerca da disciplina que atua. O aprendizado do aluno fica dessa forma comprometido, pois se considera que o profissional que foi formado e atua em sua área está mais preparado para lecionar.

Em relação à turma que participou da pesquisa, foi uma das que a professora trabalha. O primeiro ano do Ensino Médio foi o escolhido para a pesquisa. Esclarecendo que esta escola trabalha com o Ensino Médio Regular e o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos (EJA)² no noturno. As aulas são organizados em módulos de 40 minutos, num total de 4 aulas por

² A Educação de Jovens e Adultos- EJA, como é conhecido é destinado para alunos maiores de 15 anos para o ensino Fundamental e 18 anos para o Ensino Médio, que ainda não concluíram seus estudos. O Brasil tem um déficit muito grande com parcela da população que não teve oportunidade de estudo garantido pelo Estado. Inspirado nas idéias de Paulo Freire A LDB (Lei de Diretrizes e Base) 9394/96 adequa a EJA as exigências da sociedade. Ver:<http://pt.shvoong.com/humanities/1780318-hist%C3%B3ria-da-educa%C3%A7%C3%A3o-jovens-adultos/#ixzz1Pf1BD7Pw> . Acesso em 15-06-2011.

dia, com um intervalo de dez minutos para o recreio. É destinada pela carga horária da escola uma aula para Arte por semana. A sala onde ocorreu a observação é numerada como 1006. O perfil dos educandos é de 30 anos até 60 anos. Pessoas que trabalham em serviços braçais, domésticas, pedreiros, carpinteiros, ajudantes, trabalhadores liberais etc. A lista de presença apresenta cerca de 55 alunos, porém, com pouco mais de 40 freqüentes. Essa é uma característica própria do perfil adulto, nem todos os dias podem freqüentar as aulas. Alguns desses educandos deixaram os estudos há mais de trinta anos, outros em menos tempo. Com isso, percebe-se a diversidade desse público, tanto na idade como na experiência da escolarização e culturas.

Dessa forma, o desafio para o professor é grande, pois é necessário que se conheça e reconheça essa diversidade e trate individualmente as necessidades e demandas desses sujeitos.

2.2 Conhecendo e reconhecendo o campo

O primeiro dia de observação foi numa noite de terça feira, dia 17 de maio de 2011. Os alunos sentiram um pouco incomodados com minha presença, pois sou também professor dessa Escola. Aos poucos se acostumaram e não mais me hostilizaram. A rigidez da professora me chamou atenção, segue a risca o cronograma de conteúdos da apostila que utiliza. Além disso, não abre espaços para conversa entre os alunos e, conseqüentemente, não ocorre troca de opiniões entre eles, o que é bastante importante na educação humanizadora como defende Paulo Freire. Pensando num ensino mais contemporâneo de Arte, o diálogo é fundamental. Sem que ocorra uma via de mão dupla na relação de ensino-aprendizagem é impossível uma maior intimidade com a arte-educação.

As avaliações para os alunos é um sistema de imposição, ou seja, a equipe pedagógica escolhe uma semana de cada bimestre para a aplicação de avaliações, sendo, cada dia duas avaliações. Já na escola as avaliações são bimestrais. A investigação de campo foi durante o segundo bimestre.

Em relação ao material dos alunos merecem uma atenção especial. No início do ano letivo, a professora combinou com os alunos que cada um comprasse a apostila que foi confeccionada por ela. Dália cobra em todas as suas aulas a posse por parte dos alunos do material, inclusive intimidando aqueles que por ventura se esqueceram reduzindo suas notas³. A professora, disse que no decorrer do ano esta apostila seria utilizada para livrar os alunos da cansativa cópia no quadro.

Percebe-se que a apostila é o principal material em sala e o norteador do trabalho de ensino em Arte. Assim, deixou-se de lado a tradicional cópia do quadro e entrou em cena a exclusividade da apostila. O referido material é um verdadeiro manual de artes, trazendo em ordem cronológica conceitos da Arte. A primeira página traz uma definição de arte, sintetizada como “toda criação humana com valores estéticos”. Ao fim de cada capítulo, denominado de módulo, tem uma série de exercícios. No caso, são respondidos pelos alunos na própria apostila, geralmente em sala.

A matéria que observamos foi a arte da tecelagem, ou seja, aquela criada por fios que formam arranjos figurativos ou abstratos. No decorrer de todo o mês de maio a professora trabalhou com a tecelagem⁴. Um tipo de arte que muitos consideram como menor, por ser visto como um artesanato, feito simplesmente para fins decorativos. Nessa aula, os alunos se envolveram, uma hipótese para entender esse envolvimento dos educandos, talvez seja o diálogo que se cria com a vida desses sujeitos. Nessa aula, a prática aconteceu com fios de papéis e de forma bem criativa, cada aluno trouxe seu material, a professora assessorou os alunos e esses com o modelo trazido por ela, fizeram com afinco seus trabalhos. Alguns alunos, após observação apurada do exemplo trazido pela professora fizeram modelos semelhantes. Uma minoria sobressaiu em relação aos demais colegas.

³ A nota da educação escolar equivale ao quantitativo de pontos foi alcançado pelo aluno, de acordo com o que lhe é proposto. Atingindo um quantitativo mínimo é promovido ou não para outra série ou ano do ciclo.

⁴ A tecelagem é uma forma artesanal em que se entrelaça os fios em uma urdidura e transversal e longitudinal. O resultado é a construção de tecidos.

No mês de junho, a professora iniciou a explicação sobre expressões corporais e teatro. Os alunos ficaram interessados e participavam com perguntas a cada dúvida que surgia. Como de costume ocorreu somente a utilização da apostila, que tem alguns desenhos que chamam atenção. Estes desenhos apresentam formatos de rostos sem as expressões faciais. A atividade, que por sinal é interativa, propõem que os próprios alunos criem faces que expressem pessoas com raiva, medo, alegre, aborrecida, infeliz choroso etc. Os alunos, se empolgaram com esta atividade, e ao fazer o exercício de pintura e construção dos rostos (expressões) brincavam entre si, apontando qual colega ficaria com o rosto por ser raivoso, amargurado, triste, choroso, medroso, raivoso etc... Desse modo, observa-se no decorrer desta aula uma professora que empolga aos alunos com aulas interativas e com uma polivalência, ou seja, capacidade de trabalhar com todos os conteúdos de Arte.

A polivalência no ensino de artes não é uma obrigatoriedade, mas o professor que tem esse domínio está mais bem preparado para os imprevistos em sala de aula. Entretanto, podemos perceber que são poucos os professores que conseguem dominar os conteúdos de artes visuais, música, teatro e dança. Ainda mais quando, entre o total de arte-educadores, temos professores que não tem ensino superior em Arte e outros que fizeram licenciatura curta.

A apostila traz algumas indicações sobre o que é expressão corporal, que deve ser lida no conjunto com a postura corporal. Para a professora, é por meio das expressões faciais que anunciamos o estado de nossos ânimos e de nossas emoções. Através de nossas expressões faciais, composta pelos olhos, face e boca, é possível manifestar artisticamente seja no Teatro, ou até mesmo no palco da vida. Ainda que, o nosso estado de ânimo não seja único e exclusivamente expressado pelo conjunto externo do nosso corpo. Porém, existem algumas expressões próprias de uma determinada cultura e outras que são universais. A professora ao explicar sobre o conteúdo leu alguns trechos da apostila e não deu espaço suficiente para que os alunos comentassem sobre a matéria.

Infelizmente a professora não explorou suficientemente as aulas e a empolgação dos alunos. As atividades realizadas nessa disciplina se resumiram a pintura dos rostos, presentes na apostila, e observo que isso foi para os alunos uma aula fantástica. Porém, a professora deveria ter ido mais além, ter ousado, poderia ter pedido, por exemplo, aos alunos individualmente para encenar um tipo de expressão facial. Isso colaboraria para uma maior interação entre os alunos, possibilitaria que surgissem novas expressões. Os alunos criaram novos rostos a partir de um formato de rosto sem expressões. Dulce Osinski observa que, para John Dewey o professor “ não é apenas um mestre ou autoridade, ele deve saber o suficiente sobre seus alunos, suas necessidades, experiências, graus de habilidade e conhecimento etc.” (OSINSKI, 2002, p.69).

Desta forma, Ana Mae Barbosa (BARBOSA, 2002) analisa Dewey quando este observa que alguns professores não aceitam perder tempo para saber um pouco sobre seu aluno (e mal sabem esses profissionais que estão ganhando ao conhecer seu aluno). A professora pesquisada tem certa dificuldade de interagir com seus alunos. Talvez, por se achar a única autoridade em sala e o simples fato da participação mais ativa dos alunos para ela pode significar uma ofensa a sua autoridade. Ou então, falta de controle e domínio de sala e conteúdo.

Em continuidade da atividade de expressões corporais e como elas podem ser utilizadas na arte, a Dália de Souza, faz uma introdução explicativa e sem muitos detalhes sobre o teatro. Como de costume a professora segue a apostila, ela alerta aos alunos que deve ser lida, o que na realidade não acontece. A turma sendo composta por trabalhadores alega não ter tempo para ler. Ainda que os textos disponibilizados na apostila sejam de fácil absorção, muitos têm dificuldade de entendimento, pois ainda não dominam a leitura e interpretação de textos e imagens. Assim, uma parcela considerável da turma não acompanha a explicação dada pela professora no decorrer da aula. Ao que parece, a professora sabe desse problema, mas fecha os olhos diante da situação. Para muitos docentes que trabalham com a Educação de Jovens e Adultos, os alunos não estão com uma mente disposta a aprender tudo o que

lhe é passado, muitos educadores, acreditam que estes estudantes estão em sala para matar o tempo, ter diploma, menos aprender. Então ocorre um afrouxamento no ensino por parte de alguns os professores.

Se a matéria que está sendo explicada não tem uma significação para o ouvinte ele não se torna participante. Mas desenvolver um bom trabalho em artes exige preparo por parte do professor, mas acima de tudo materiais. Para o primeiro, uma boa formação e constante atualização podem colaborar. Porém, no segundo caso, observa-se que nas escolas públicas, a aquisição de materiais quando não morosa, não chega em quantidade suficiente para todos os alunos. Voltando para nossa observação em sala, a matéria explicada pela professora, que, inicialmente parecia ser empolgante se torna maçante. A aula acaba e nenhum aluno participou. (lembrando que nesse colégio as aulas duram 40 minutos).

Especificamente no ensino de Arte, “o professor deve ter uma atitude pedagógica de participação e orientação” evitar o autoritarismo e omissão da visão do aluno acerca do assunto que se está discutindo (OSINSKI, 2002, p.70). Por fim, observa-se que a professora faz uma explicação por demais simplificada da disciplina em foco. Acontece assim, uma perda de oportunidade para a inovação no ensino de arte. Ao não dar espaços para a criação, a professora perde a oportunidade de desenvolver a expressão artística dos alunos.

O conteúdo apresentado se torna mais um acúmulo de “saber”, que provavelmente pouco tem a ver com o aluno. Ficaram todos inertes, pareciam prestar atenção, mas isso possivelmente não ocorreu. É comum ouvir uma frase no ambiente escolar; ‘matéria dada, matéria estudada’ mas, e quando essa matéria é aplicada de maneira superficial? Na verdade, alguns problemas já foram discutidos, mas a Arte em sala de aula também não é acreditada muitas vezes pelo próprio professor que a aplica. Isso muitas vezes se deve às mazelas do ensino que aqui não nos cabe explicar, mas que é do conhecimento de todos. Não estou aqui culpando o professor de Arte por essas questões do ensino mas, dizendo da importância de sua atuação.

No decorrer das aulas observadas, especialmente as aulas práticas a professora segue sempre uma rotina: explica-se o conteúdo em no máximo dez minutos, em seguida, a professora faz os modelos a serem seguidos pelos alunos. Ao trazer modelos prontos, não ocorrem trocas entre os alunos e entre o indivíduo e o conteúdo de arte. Assim, o ensino reduz-se em seguir modelos prontos, uma reprodução com cores, significados e símbolos semelhantes ao modelo trazido pela professora.

A observação das aulas aplicadas pela professora Dália de Souza nos orienta no sentido de compreender em qual nível se encontra o ensino de artes na Escola Estadual João Wesley. Para Ana Mae Barbosa (1998) a construção do conhecimento em Arte se baseia pela Proposta Triangular de fruir, fazer contextualizar. No caso analisado, esse tripé não está consolidado. Este assunto será analisado com profundidade no próximo capítulo.

Capítulo 3 – Material em Artes; Reflexões Sobre Importância e Uso.

No capítulo anterior discutimos a prática docente e o reflexo no ensino-aprendizado. Neste capítulo continuaremos nessa discussão aprofundando os conceitos metodológicos no Ensino de Arte. No decorrer do primeiro capítulo discutimos ainda, as mais variadas metodologias que foram utilizadas na Arte-Educação. Geralmente, cada professor utiliza um método de ensino conforme sua convicção ideológica. Porém, em termos teórico-metodológicos, o ideal é a fidelidade ao método que seja adequado aos discentes.

Na última década, a pesquisa em/sobre Ensino de Arte cresceu bastante. A variedade de livros, artigos, discussões, teses e o uso constante da internet a fim de veiculação, bem como, reprodução destes trabalhos produzidos, possibilitaram uma maior visibilidade da Arte-Educação. Isso significa ainda, uma maior disponibilidade de recursos para que o professor utilize em sala. Além disso, a profusão de diretrizes (LDB, CBC), caminhos direcionados pelos órgãos oficiais a nível federal, estadual e municipal, revelam que o arte-educador pode aplicar em sala uma aula dinâmica, capaz de fazer o aluno produzir conhecimento artístico.

Durante o período que estive em campo, pude observar o método utilizado pela professora Dália de Souza para o ensino de Arte. Posso dizer que foi muito comum em sua prática pedagógica não contemplar metodologias apropriadas ou mais democráticas e dialógicas. Podem ser várias as razões para isso, entre elas, a deficiência na formação e na experiência com arte. Percebe-se uma verdadeira miscelânea na prática docente da professora. Isso é recorrente na educação brasileira, pois nem todos os professores que atuam com o ensino de Arte têm titulação e a formação continuada pelas redes de ensino são deficitárias, sobretudo, na área de arte. A ausência de um profissional com formação na área que atua, é um problema que existe em todas as áreas do ensino escolar público. Entretanto, não podemos oficializar uma deficiência, ainda que ela seja um problema comum nas escolas brasileiras e entre os docentes que atuam no ensino de artes. Cada profissional deve trabalhar em sua área de formação.

Nesse sentido, parece-me que o que resta aos professores é o uso exacerbado da apostila, ou livros didáticos quando há, ou mesmo a grade curricular, como ainda é nomeado e utilizado em muitos lugares. Estes são muitas vezes utilizados como único suporte em sala. A obviedade dessa situação está em fazer da apostila uma bengala, por não ter conhecimento suficiente para outras situações que não estiver na apostila. O saber, dessa forma, fica comprometido a partir do momento que o professor em sala não inova, não procura se atualizar.

Ferraz & Fusari (1992) alertam que ser professor de arte

É atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações. (FERRAZ & FUSARI, 1992, p. 51).

Assim não existe receita pronta, mas tem alguns caminhos que estão e são sinalizados pela legislação vigente, documentos oficiais, movimentos de professores e arte/educadores, entre outros. Além do direito de acesso ao conhecimento que os educando têm assegurado e amparado em lei. Dessa forma, as indicações contemporâneas para o ensino de Arte são vinculadas à vida dos sujeitos, assim como as questões de ordem, regional, nacional e internacional. O papel do professor é fundamental nesse ensino, pois sabemos que somente leis e propostas oficiais não garantem o desenvolvimento de um trabalho significativo para o educando. Para Ana Mae Barbosa (1998), três ações devem ser executadas no ensino de arte. Isso a autora nomeou como Abordagem Triangular, que consiste primeiramente -fruição criação e contextualização da -obra de arte. A partir do momento que não ocorre uma conversação entre estes três suportes, o ensino-aprendizado fica defasado, principalmente por que, para a autora, existe um elo entre eles.

A sala de aula é um local de troca de idéias, ideais, informações, culturas, relações e principalmente, espaço de socialização. Assim, o ensino de arte deve ser homogeneizante em um espaço onde as relações são heterogêneas. Que o aluno aprenda pouco, mas que finalize uma etapa,

entendendo aquilo que lhe foi passado. Pois, uma profusão de conteúdos, muitas vezes não sana o aprendizado deficitário. Se o professor é realmente um mestre e não um ditador em sala, este deve entender no decorrer do ano letivo quem é seu aluno. O que ele almeja, deseja para si, as necessidades materiais e por que não sentimentais.

3.1 O Material

No decorrer das observações, verifica-se que a utilização da apostila em sala de aula foi corriqueira. Desta forma, seria muito fácil criticar sem fazer uma análise da situação. O Brasil entra no século XXI, alcançando espaços no mercado financeiro mundial jamais visto em sua história. É sabido que nosso país almeja estar entre as grandes nações do mundo. Porém, é inadmissível que ainda existam em escolas brasileiras professores que não tenham suporte e façam de suas aulas meros momentos de passar o tempo, já que o plano de aula não é seguido e a apostila se torna um instrumento fundamental, que é utilizado sem rigidez ou finalidade pedagógica.

Inaceitável ainda que nossas autoridades responsáveis pela educação sejam omissos a tal ponto de encontrar em escolas públicas professores de arte fazendo atividades que a tradição diz que é seu dever, mas que não se encontra em nenhuma faculdade de Arte. As famosas bandeirolas de festa junina ou a confecção do coelhinho da páscoa. Neste caso específico, é louvável e merece todo o respeito, o professor de Artes, que tem seu próprio material e não faz de suas aulas meras experiências com textos e desenhos. Como é comum verificar em sala de aula.

A professora que acompanhamos no decorrer deste período, tem seu próprio material, e, ao fazer um acordo com os alunos, para que cada um tenha sua apostila, colabora para o estudo, não somente em sala como também em casa. Ou seja, a qualquer momento, o aluno pode fazer uma leitura da matéria proposta. Parece banal o que estamos aqui discutindo, porém, se observarmos que nos anos noventa o ensino de arte se resumia exclusivamente à sala de

aula, percebe-se que, a confecção do próprio material, constitui um grande avanço e certeza de que a arte-educação sofre uma valorização.

Em sala, quase todos os alunos tem a apostila. Isso se deve a dois fatores; Primeiro: a rigidez e a firmeza na punição, por parte da professora, aos que não estiverem com a apostila no momento da aula. Segundo, é de fundamental importância a apostila, principalmente porque, nela estão todos os trabalhos a serem feitos e que serão avaliados em sala. Assim, afim de não perder pontos no final de cada bimestre os alunos trazem o material (Devemos questionar se esse método é correto, analisando se o saber se faz com este rigor, ou conscientizando o indivíduo da importância de trazer seu material). Caso o aluno esqueça sua apostila, este se arrisca a buscar em outra sala. Esta é uma atitude verdadeiramente perigosa , pois se a professora descobre essa situação, podem ocorrer punições. Para a professora Dália de Souza, esse rigor deve ser utilizado a fim de evitar a circulação de alunos pelos corredores da escola.

A aplicação dos conteúdos contidos na apostila também é um problema a ser questionado. Sabe-se que quando o conteúdo não diz muito ao aluno, o mesmo se desinteressa. Com a falta de interesse pelo conteúdo, podem ocorrer vários outros problemas em sala, resultando inclusive numa indisciplina. O professor ao programar seu tempo e o conteúdo a ser dado em sala, deve pensar no aluno, ou seja, refletir acerca do método utilizado. Isso é ser um professor reflexivo, um profissional que questiona sobre seu próprio trabalho.(DAYRELL, 1999).

Ao utilizar qualquer material em sala é importante que o professor reflita sobre ele, questionando como o aluno pode utilizar esse aprendizado para sua vida fora da escola. Ao fim e ao cabo, esse aluno não tem sua vida limitada pelos muros da escola, pelo contrário, se boa parte de seu tempo, o aluno passa na escola, há de se considerar que, uma maior parte ainda quando não está na escola, este mesmo indivíduo gasta seu tempo, socializando de outras inúmeras formas. (FERNANDES, 2004). O professor deve considerar que seu aluno vivencia muitas vezes, uma realidade diferente do ambiente escolar e com estímulos (Tecnológicos ou não) que a escola, dependendo de uma série

de situações (Em no nosso caso a questão financeira é um fator crucial), pode ou não oferecer.

A escola, e incluímos aqui o professor, não pode separar o aprendizado do aluno fora de seus muros. Assim o professor deve considerar o aluno como co-autor de seu trabalho. Principalmente por que, este trabalho deve ser em prol do aluno. A preparação de aula, também deve estar voltada para questões que respondam a vivência do estudante. Separar o que está sendo ensinado, da realidade do aluno fora da escola, é um erro.(DAYRELL, 1999).

A falta de uma seqüência didática também é um fator que compromete o aprendizado. E não estamos aqui cobrando uma seqüência cronológica, que por sinal existe no material didático analisando. Porém, a professora não possui um rigor seqüencial, e parece-nos ter uma dificuldade neste quesito. Ao questionar que critérios são utilizados para a seleção de conteúdos, a professora afirma que acompanha ao pé da letra o Conteúdo Básico Comum (CBC).

De um modo em geral, verifica-se que muitos dos alunos assistidos, apresentam dificuldades em ater-se na questão do tempo-espço de determinados conteúdos apresentados. Entre os prováveis fatores para que isso ocorra temos a falta de base destes alunos. Reflexo de suportes defasados ainda quando estudaram no Ensino Fundamental e essa deficiência reflete no decorrer da vida escolar. Se a professora fizesse um mapeamento em sala perceberia esse problema, porém, a dificuldade para os alunos se torna ainda mais gritante porque a professora não faz menções ao período que está trabalhando. Desta forma, tanto a professora quanto o material e métodos por ela utilizados merecem ser questionados. Ao não levar em consideração a deficiência em sala, a professora perde a oportunidade de fazer a contextualização da Arte, abordado por Ana Mae Barbosa (1998).

Como citado, o material analisado tem uma seqüência cronológica. Entretanto, a professora não consegue em suas explicações fazer conexões entre a matéria que havia dado e um novo conteúdo. Desta forma, no cotidiano em sala esse encadeamento de matérias não se completa. Por exemplo; na aula dia 31 de maio a professora falava de cores. Na semana seguinte, a

mesma iniciou um modesto projeto sobre expressões corporais, que, de acordo com a docente, seria necessário todo o mês de junho para sua culminância. Verifica-se neste caso, que não ocorreu uma seqüência que interligasse um conteúdo ao outro, tampouco uma explicação convincente.

Dar seqüência cronológica entre os conteúdos em artes não é o principal obstáculo para que ocorra uma compreensão daquilo que se está sendo explicado. Porém, a turma que estamos observando tem uma deficiência que é a de interligar os conteúdos. Assim, a partir do momento que a professora não dá seqüência à matéria da aula anterior e parte para outro conteúdo (onde muitas vezes não existe uma conexão óbvia de conteúdos), sua compreensão fica comprometida e os alunos, muitas vezes, não consegue fazer uma relação, devido a falhas no decorrer de seus estudos.

O que um professor deve fazer quando não tem domínio sobre determinado conteúdo em Arte? O ideal é que não existissem dúvidas quanto a isso e que o plano de aula diário sanassem todos os equívocos. Quando um docente percebe não tem domínio suficiente de determinado conteúdo, deve-se procurar ajuda com a equipe pedagógica. Os pedagogos também precisam estar preparados com materiais e suporte necessário para atender o professor.

O planejamento, por sinal, é outro problema crônico, não somente com a disciplina de Artes, como também com as demais. Observa-se na escola analisada, uma pressão para que se entregue o planejamento no início do ano letivo. Porém, isso ocorre porque os pedagogos temem os especialistas da Superintendência Regional de Ensino. Entretanto, se não houver cobrança por parte deste órgão, estes planos ficam engavetados, esperando o ano seguinte para serem utilizados. Percebe-se desta forma, que o planejamento anual é uma questão meramente burocrática.

Finalmente, verifica-se na escola analisada e ousadamente podemos afirmar que tem um problema estrutural. Faltam diálogos entre Superintendência Regional de Ensino e a Escola, falta também maior interação com comunidade e por fim, uma maior rigidez nos currículos, de modo que ocorra na prática, aquilo que reza os documentos oficiais. O ensino de Artes que faz parte deste processo também se insere neste percalço. Muitas vezes,

ao pedir por resposta a sociedade procura o culpado. Entretanto, não existe somente um, mas vários responsáveis pela situação da educação se encontrar no patamar analisado: Alunos, professores, equipe pedagógica, direção, pais de alunos, comunidade no entorno da escola, governo de um modo em geral.

Conclusão

Se guardarmos o passado, possivelmente não cometeremos os mesmos erros. Gabriel García Marquez (1967) em seu clássico livro literário, conta a história de uma comunidade que esqueceu seu próprio passado, quem eram eles, por que estavam vivendo em uma situação nostálgica. Mas isso se deu, devido à comunidade não se preocupar com seu passado, com seus monumentos, com sua cultura, com as artes produzidas e guardadas, enfim, pela falta de valorização daquilo que lhes pertenciam. A história prossegue com uma amnésia coletiva, que só é curada após a chegada de um visitante, que inicialmente, oferece porções mágicas e por fim, um conselho que vale por mais que cem porções: Guardar o passado, criar bibliotecas, museus, espaços reservados para a valorização dos costumes da aldeia etc...Gabriel Garcia Marquez(1967), finaliza seu livro, dizendo que, o tempo passou e o esquecimento nunca mais voltou.

Este texto fictício, mas pode servir de exemplo para nossa sociedade. Um país que não observa aquilo que foi feito no passado, tende a seguir em frente sem perspectivas. Nosso país sofreu mudanças positivas nos últimos anos com relação à valorização das artes. Também o ensino de arte nas escolas do Brasil, nos últimos anos, modificou a estrutura, e ainda que mereça críticas, ocorreram muitos acertos louváveis, como a LDB 9394/96, que definiu a arte como disciplina.

Mas para se chegar a este estágio o ensino de arte sofre algumas mudanças no decorrer da história da Brasil: a partir da vinda da família Real, a valorização da arte e o seu ensino são notados. No governo do Imperador Dom Pedro II a Academia Imperial de Belas-Artes desempenhou importante papel para a disseminação da arte pelo território brasileiro. No início do Brasil republicano o positivismo dominou o pensamento dos intelectuais ligados ao governo recém instaurado.

Assim, na primeira metade do século XX, a antiga Academia Imperial de Belas-Artes tem sua nomenclatura mudada para Academia de Belas-Artes e mais tarde Escola Nacional de Belas-Artes. Ocorrem neste período alguns avanços, mas, a técnica de ensino de desenho permanece.

Do período de JK (1955 a 1960), temos os tão sonhados cinquenta anos em cinco. Mas, foi a Ditadura Militar instaurada em 1964, que mudou os rumos que a arte-educação estava seguindo. Ao instituir a Educação Artística obrigatória para o Ensino Fundamental com a LDB n. 5692/71, extremamente tecnicista, o governo utiliza a arte-educação como meio de preparação para o mercado de trabalho. Surgem ainda neste período os cursos de Licenciatura com Curta duração de dois anos, ou, Plena com duração de quatro anos em Educação Artística. Mas o ensino proposto pelo governo militar, não libertava, pelo contrário perseguia e cerceava os direitos dos cidadãos.

Propomos desta forma, com este trabalho, fazer um apanhado do ensino de arte no decorrer da história do Brasil para saber com o que estamos lidando ao entrar em sala. E também para que os leitores entendam que, ainda que o passado tenha ficado num tempo atrás, ele pode estar em nosso meio. As observações feitas em sala nos orientam para a compreensão da situação da arte-educação em nossos dias: o contato entre professor e aluno, a burocracia, enfim, esse período de análise, em que observamos cada detalhe do cotidiano em sala de aula, nos proporcionou um grande aprendizado.

Podemos perceber que passamos por um longo ciclo da história do Brasil tentando acertar. Entretanto, as experiências do passado, muitas vezes não serviram de orientação para nossos governantes, corpo escolar, comunidade, por fim, a todos os envolvidos no processo de educação. O ideal é que a partir de agora, não ocorra erros na arte-educação, mas, se por ventura houver que traga o mínimo de conturbações possíveis.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Ana Mae. *Arte-educação no Brasil: das origens ao modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

-----*Recortes e colagens: influência de John Dewey no ensino da arte no Brasil*. São Paulo: Autores Associados, 1982.

-----*O ensino da arte e sua história* com Heloísa M. Sales, São Paulo: MAC, 1990.

-----*Tópicos Utópicos*. Belo Horizonte. Editora c arte. 1998.

-----Jonh Dewey e o Ensino da Arte no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.

----- *Inquietações e mudanças no Ensino da Arte*. São Paulo: Cortez, 2002.

-----*Ensino da arte: memória e história* (São Paulo: Perspectiva, 2008.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEE, 1997.

COUTINHO, Rejane Galvão. *Mário de Andrade e os desenhos infantis*. In: BARBOSA, Ana Mae. (Org.). *Ensino da arte: memória e história*. São Paulo: Perspectiva, 2008. p. 157-195

DAYRELL, Juarez (org). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. 1º Reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

FERNANDES, Antonia Terra de Calazans. Livros didáticos em dimensões materiais e simbólicas. *Educação e Pesquisa*. Revista da Faculdade de Educação da USP, set/dez, 2004. p. 531-545.

FERRAZ, Maria Heloisa C. T. & FUSARI, Maria F. de R. *Arte na Educação Escolar*. São Paulo: Cortez, 1992.

-----*Metodologia do Ensino de Arte*. São Paulo: Cortez, 1993.

FRONER, Yacy-Ara. *Pesquisa em/sobre ensino de artes visuais*. In Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 1/ Lucia Gouvêa Pimentel (Organizadora); Juliana Gouthier (et al). – 2 ed. – Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade federal de Minas Gerais, 2009.p 69-87

GOUTHIER, Juliana. *História do ensino da arte no Brasil*. In Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 1/ Lucia Gouvêa Pimentel (Organizadora); Juliana Gouthier (et al). – 2 ed. – Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade federal de Minas Gerais, 2009. p 33-44

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 26º edição, 1995

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de solidão*. 27 edição, Rio de Janeiro, editora Record. 1967.

MARTINS, Judite. *Apontamentos para a bibliografia referente a Antônio Francisco Lisboa*. IN *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1939

OSINSKI, Dulce Regina Baggio. *Arte, história e ensino: uma trajetória*. 2 ed. - São Paulo, Cortez, 2002.

PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Editora. Brasiliense, 23 edição, 1994.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Metodologias do ensino de artes visuais*. In Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 1/ Lucia Gouvêa Pimentel (Organizadora); Juliana Gouthier (et al). – 2 ed. – Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade federal de Minas Gerais, 2009. p 09-21

PRIORI, Mary del (org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1999.

SANTANA, Sâmara. *Fundamentos de ensino de artes visuais*. In Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais 1/ Lucia Gouvêa Pimentel (Organizadora); Juliana Gouthier (et al). – 2 ed. – Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da Universidade federal de Minas Gerais, 2009. p 23-31.